

30 de maio de 2025
ATOS DOS APÓSTOLOS
O testemunho dos apóstolos e a atual crise missionária
(II)

Antes de continuarmos a acompanhar São Paulo ao longo dos últimos capítulos dos Atos dos Apóstolos e de nos prepararmos para a solenidade de Pentecostes que se aproxima, voltemos ao tema iniciado ontem e detenhamo-nos nas consequências resultantes de deixarmos de considerar Jesus Cristo como o único Salvador do mundo e de já não O anunciarmos com o zelo dos apóstolos, como a Igreja fez ao longo dos séculos com grande fidelidade.

Se observarmos a situação atual da Igreja em relação à missão que lhe foi confiada, veremos que certos círculos, mesmo os de mais alta hierarquia, já não se sentem tão comprometidos com o mandato missionário de Jesus como a Igreja o fez desde o início.

Antes de voltar à “Declaração de Abu Dhabi”, vale a pena ouvir as declarações de Dom Bruno Forte, Arcebispo de Chieti-Vasto, proferidas a 4 de abril de 2022, numa conferência na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino (Angelicum), em Roma, sob o tema “Próximos passos no diálogo judaico-católico”. Neste caso, o diálogo com os representantes desta religião já não tem como objetivo encontrar as formas mais adequadas de transmitir a mensagem do Senhor aos judeus e levá-los à fé n'Ele, mas sim uma renúncia à missão.

O Arcebispo Bruno Forte, em representação da Igreja Católica, explicou que já não seria necessário os judeus aceitarem Jesus como seu Redentor para alcançarem a salvação. Exortou todas as denominações cristãs a levarem isto a sério, seguindo o exemplo da Igreja Católica. Isto significaria que já não deveria haver uma missão para os judeus. Em vez disso, dever-se-ia trabalhar com eles para construir um mundo melhor.

Ouçamos com atenção: em contraste com os apóstolos, que proclamaram o Messias aos judeus, por quem Ele tinha sofrido e morrido, este arcebispo sugere que os judeus já não precisam do Senhor para serem salvos. Infelizmente, esta não é a opinião de um bispo mal orientado, mas sim uma tendência comumente aceita na Igreja. A isto junta-se a exortação às outras confissões cristãs para que sigam o exemplo da Igreja e "ponham fim à missão ativa junto dos judeus". Monsenhor Forte está a falar em nome da Igreja Católica!

Estas declarações são quase grotescas, tendo em conta o que lemos nas últimas semanas nos Atos dos Apóstolos. O que diriam São Paulo e os apóstolos sobre isto? Certamente que o considerariam uma traição ao Senhor e pronunciariam o seu "anátema".

Não se trata apenas da crise da Igreja, mas também do fato de que, no fundo, o mandato missionário de Jesus está a ser eliminado e, para piorar a situação, os outros cristãos estão a ser incitados a fazer o mesmo. Aqui, podemos identificar o espírito da mentira e do engano em ação, que visa excluir os judeus da salvação em Cristo.

Embora estas declarações do Arcebispo Bruno Forte constituam um engano para os judeus, a Declaração de Abu Dhabi e as declarações de Francisco em Singapura afetam a missão mundial. Para recordar, cito brevemente as duas declarações:

"O pluralismo e a diversidade de religiões, cores, sexos, raças e línguas são expressões de uma vontade sábia divina, pela qual Deus criou os seres humanos.

Todas as religiões são um caminho para Deus. E, faço uma comparação, são como línguas e idiomas diferentes, para lá chegar".

Estamos aqui perante uma relativização do mandato missionário dos cristãos, porque, se todas as religiões são igualmente queridas por Deus e todas conduzem a Ele, qual seria o sentido da missão da Igreja de anunciar Jesus Cristo Redentor a todos os homens? Talvez os protagonistas de tais declarações apóstatas substituam isso pela esperança de que o encontro entre as religiões as torne mutuamente fecundas, que cooperem para a paz e um mundo melhor, que construam uma fraternidade mundial e outros objetivos semelhantes. No entanto, estes objetivos não estão de acordo com o que Jesus disse aos apóstolos no seu mandato missionário: o que está em jogo é a salvação eterna das almas.

Se considerarmos as declarações do Arcebispo Bruno Forte como uma traição à missão de Jesus para o seu povo, então as declarações relativistas do documento de Abu Dhabi e as declarações de Francisco em Singapura constituem, a um nível objetivo, uma traição ao mandato missionário da Igreja para toda a humanidade. Através de tais pronunciamentos oficiais de proeminentes representantes da Igreja e até mesmo do seu chefe, as pessoas estão a ser enganadas e privadas da verdadeira proclamação do Evangelho. É evidente que esta não pode ser a intenção do Espírito Santo, que impeliu os apóstolos a proclamar o Evangelho com grande autoridade.

Entre outras coisas que afetaram gravemente vários setores da vida eclesial, este fardo insuportável para a missão da Igreja ficou como herança do último pontificado. A correção de todos estes erros seria uma tarefa árdua, mas inadiável, que um Papa ortodoxo teria de levar a cabo para que a fé católica pudesse ser novamente proclamada como o Espírito Santo pretendia. A autenticidade do novo pontificado será demonstrada se Leão XIV estiver disposto a reconduzir a Igreja ao bom caminho.

Meditação sobre o Evangelho do dia: <https://es.elijamission.net/evangelio-de-san-juan-jn-1616-24-la-verdadera-alegria/>
